STIC-BH
MARRETA

MARRETA

LIGA OPERÁRIA

Filiado a Federação dos Trabalhadores na Indústria da Construção e Mobiliário de Minas Gerais - FETICOM-MG

Informativo Oficial do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção de Belo Horizonte, Lagoa Santa, Nova Lima, Raposos, Ribeirão das Neves, Sabará e Sete Lagoas - Tel: (31) 3449.6100 - Rua Além Paraíba, 425 - Lagoinha - BH - www.sticbh.org.br / twitter.com/sticbh
Sub-sede: Sete Lagoas: Rua Alarico de Freitas, nº 69 - Boa Vista - Tel: (31) 3776.7710

Orocílio, presente na luta!

Julho de 2019

1979-2019

40 anos dos Grandes levantes operários em BH e Região

1979 ficou marcado como o ano das grandes greves operárias por todo país:

O regime militar-fascista imposto através de um golpe arquitetado e patrocinado pelo imperialismo ianque (Estados Unidos) em 1964, incrementou a subjugação nacional e impôs aos lutadores do povo a mais brutal repressão.

Repudiado pela maioria do povo, após o fim do "Milagre" econômico com seguidas recessões, desemprego em massa, dividido em meio das pugnas internas, o regime militar-fascista se achava sitiado pela crescente luta popular, mas buscava cumprir a estratégia do grupo Geisel e o imperialismo ianque, da ***"abertura, lenta e segura"*** preventiva a sua derrubada violenta ***pelo movimento revolucionário.*** Para tal o regime mantinha a política de brutal repressão contra os lutadores do povo, ***enquanto a extrema-direita, revoltada com a perspectiva de fim do regime, voltava a praticar atentados terroristas (Bolsonaro era um dos principais atuantes nessas ações covardes).***

O regime militar já não podia se impor como antes, pois enfrentava fortes divisões internas, além da crescente oposição popular. ***Em janeiro de 1979 o AI-5 (Ato Institucional que impunha censura e brutal perseguição às organizações democráticas e revolucionárias e a imprensa) é revogado.*** Em março o Congresso empossa o general Figueiredo, sucessor indicado pelo general Geisel.

As massas mobilizavam-se com decisão e combatividade em defesa de seus direitos e pela derrubada do regime militar.

As grandes lutas do proletariado em Belo Horizonte e região nessa época são resultado do acirramento da luta de classes em nosso país.

O movimento sindical e operário mais combativo lutava em duras condições, ***não existia direito de greve ou manifestação.*** Os dirigentes e ativistas mais combativos lutavam na clandestinidade.

No ano de 1978, em Diadema, os operários da Saad-Scania, deflagraram uma combativa greve que despertou pra luta milhões de trabalhadores em todo país.

No dia 17 de abril de 1979 aconteceu o ***"Dia Nacional de Lutas"***, algumas categorias aderem, mas não totalmente. Esses fatos precedem e preparam novas e combativas lutas do proletariado.

Operários da Mannesman em agitam as ruas do Barreiro região fabril de BH (greve de 1979)

Belo Horizonte

Explode a greve dos professores da rede pública em 17 de maio e logo em seguida a rede particular, exigindo melhores salários e condições de trabalho. ***Em 29 de maio a repressão ataca os professores com jatos d'água, gás lacrimogênio, cães e cassetetes, na Praça da Liberdade.*** A categoria enfrentou grandes batalhas por 41 dias contra o regime militar que declarou a greve ilegal. Essa greve foi o marco de criação da União dos Trabalhadores do Ensino (UTE), e no Congresso da categoria, ocorrido nos dias 1 e 2 de novembro de 1979, elegeu a sua 1ª diretoria e o seu estatuto.

Na noite de 23 de maio 14 mil metalúrgicos da Mannesman no Barreiro deflagram a greve por 20% de reajuste, fim da brutal escala de revezamento chamada de "7 letras" e controlam o acesso ao interior da siderúrgica com massivos piquetes, 35 operários controlaram os altos-fornos e o setor do Gasômetro, por 11 dias. **A luta combativa foi liderada pelo companheiro Albênzio Dias, o Boné** e após dias de grandes tensões repelindo a repressão da PM e provocações de agentes de segurança do regime, **arrancou 20% de reajuste e levantou alto a bandeira da liberdade aos presos políticos e o fim do regime militar-fascista,** animando e servindo de exemplo às demais categorias de trabalhadores a partirem pra greve. Em outubro do mesmo ano os metalúrgicos de BH-Contagem realizam greve que dura 3 dias sob intensa repressão. As regiões do Barreiro de Baixo e do Cinco (Centro Industrial de Contagem) foram transformadas em praças de guerra, com violentos confrontos dos metalúrgicos contra as tropas de choque da PM, contingente da polícia civil, PF e agentes do Exército.

Os motoristas e cobradores deflagram a greve dos rodoviários, também em maio. Os motoristas aceitam a contraproposta da patronal, deixando os cobradores de fora, o que causou grande revolta. O grupo Marreta denunciou a traição e junto dos cobradores sustentaram a greve por mais um dia, transformando o centro de BH num campo de batalha contra a tropa de choque da PM e a polícia civil.

Betim

A greve da FIAT em setembro, conta com milhares de operários que conduzem uma combativa greve. Nela, o operário Guido Leão foi morto, em 27 de setembro de 1979, atropelado por um ônibus que conduzia um pelotão da tropa policial, tentando se defender da cavalaria, que atacou os grevistas no portão principal da fábrica.

A vitoriosa greve da Mannesman foi um marco da luta classista na região metropolitana de BH e um divisor de águas: a partir dela amadureceram as condições para que a direção classista e combativa que se forjou ao longo de duras lutas, ganhasse novos setores e aglutinasse um núcleo para dirigir a luta combativa da classe, apoiando e impulsionando novas greves.

Com as greves dos metalúrgicos de BH-Contagem-Betim surge o grupo Marreta que estenderá a sua atuação entre os rodoviários e operários da construção civil. **É nesse processo que surge o grupo Marreta, composto dos operários mais conscientes de diversas categorias profissionais da classe.** O grupo Marreta na Construção Civil se organizou no fogo da luta de nossa histórica greve de 1979, se opondo ao peleguismo do interventor Francisco Pizarro, lutando por melhores condições e contra o regime militar-fascista no Sindicato.

Greve dos Professores em Belo Horizonte - 1979

Operários da Mannesman em passeata - 1979

Viva a Grande Greve dos operários

No dia 29 de julho de 1979, em uma assembleia geral, a massa de operários da construção de BH decidiu pela greve exigindo: "Salário de CR$ 5.000,00 para serventes, CR$ 8.000,00 para oficiais, CR$ 12.000,00 para encarregados e CR$ 20.000,00 para mestres-de-obras **(nessa época o salário mínimo era de R$ 2.268,00)**. Registro em carteira de trabalho. Proibição da redução salarial na troca de emprego. Aviso prévio de 30 dias, independentemente da forma de pagamento (se semanal, quinzenal ou mensal)."

Foi o grupo Marreta, que se reunia a tempos com os operários de várias categorias, **que convenceu o presidente do Sindicato Francisco Pizarro a convocar aquela assembleia.** A assembleia contou com a presença de 70 operários e a decisão foi de deflagrar a greve. A maioria daqueles operários juntamente ao grupo Marreta se dividiu em vários grupos de mobilização nos bairros onde fizeram o plano de piquetes para as maiores obras. Nas duas maiores obras da época; do Mineirinho e do BH Shopping, onde trabalhavam milhares de operários, atuaram os companheiros do grupo Marreta (operários moradores dos bairros Lidéia, Durval de Barros e Jatobá). Ao final da madrugada de segunda-feira (30) os grupos de operários pararam as obras do Mineirinho e do BH Shopping e marcharam ruma à Praça da Estação, a notícia se espalhou como raio por toda cidade, paralisando todos os canteiros, formando uma grande concentração de mais de 20 mil operários. A polícia que tentava a todo custo dispersar e reprimir os trabalhadores em luta foi cercada.

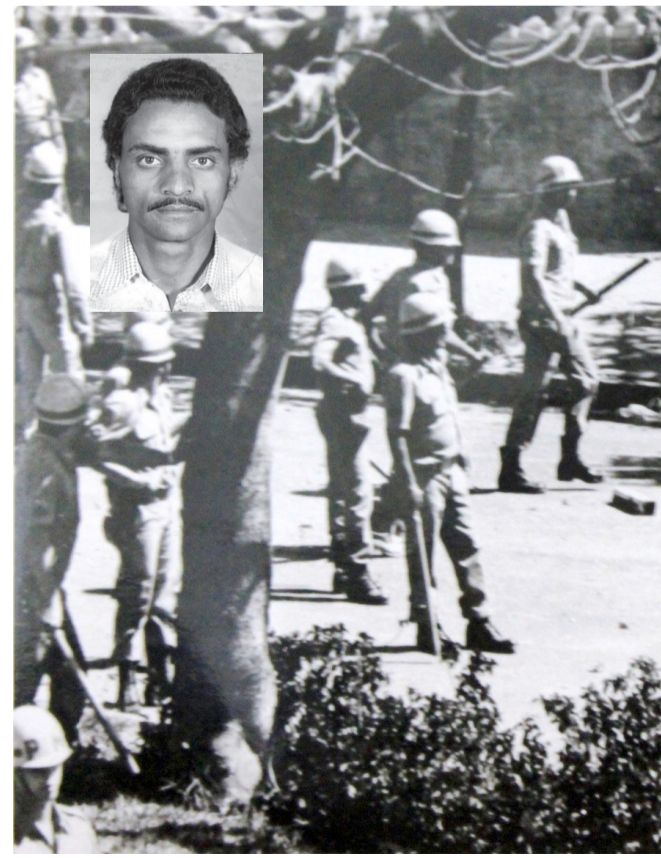
A multidão que já portavam cartazes improvisados, lançam gritos de guerra e palavras de ordem de **"Viva a greve!"**, de **"Queremos nosso aumento!"** e de **"Deu bode com nóis nem o capeta pode!"**. Um Corcel forçou a passagem em meio à multidão atropelando operários: **logo foi virado e incendiado**. Um caminhão de bombeiro que chegou para apagar o fogo foi vaiado pela multidão e os bombeiros passaram a lançar os jatos d'água contra as massas. Um caminhão da tropa da PM que foi deslocado pra lá, foi tomado pelos trabalhadores. O comando da greve puxou uma passeata pela Av. Amazonas em direção ao então ex-campo do Atlético Mineiro no bairro de Lourdes (onde hoje é o Shopping Diamond Mall na Av. Olegário Maciel). **A população saudava a manifestação dos operários com papéis picados jogados das janelas dos prédios em todo o percurso, carros buzinavam.** Nesse dia a categoria exerceu toda a sua força e decisão nas ruas. A população presenciou a cidade tomada pelos pedreiros, serventes, armadores, carpinteiros, e demais operários da categoria e apoiou o grandioso movimento.

O prefeito biônico Maurício Campos não havia concedido à liberação do campo para a assembleia dos operários. Isso não foi problema, com suas fortes mãos e braços que constrói os grandes prédios da cidade arrancaram o portão e as grades. Com estes e outros materiais de construção, apanhados do interior do campo em reforma, foram usados pelos operários em sua defesa, para rechaçar as tropas da repressão, que atacaram as massas assim que elas chegaram ao campo, investindo violentamente com a cavalaria armada de espadas, tropas com cassetetes, bombas e tiros contra os grevistas.

Os grevistas lançaram milhares de pedras repelindo a cavalaria e logo nos primeiros entreveros empurraram a tropa de choque até que estas recuaram para grande distância. **Foi no segundo choque**, que com a tropa batendo em retirada **os oficiais da PM dispararam em direção da multidão, matando o companheiro Orocílio Martins Gonçalves com um tiro no peito.** Orocílio tinha apenas 24 anos, era tratorista e **trabalhava em uma empreiteira que prestava serviço a Mannesman**. O covarde assassinato foi o estopim para explodir novas ondas de revolta dos trabalhadores, que se espalharam pelo centro da cidade.

No segundo dia de greve, após a surra que a PM levou dos operários, provocadores do regime militar (extrema-direita) distribuíram cachaça para promover quebradeira na cidade e demonstrar descontentamento com o general Figueiredo que tinha indicado para governador Francelino Pereira e não o candidato da extrema-direita Murilo Badaró e para jogar a opinião pública contra a greve. Os operários seguem em fúria, o governador Francelino Pereira ordenou maior repressão, pedindo reforço militar de outras cidades. O comércio fechou as portas, o transporte parou de rodar no centro da cidade. Nas ruas, os operários passavam como tsunami, parando tudo com sua justa fúria. Os monopólios de imprensa anunciam pelas rádios e TV's, para a população ***"não sair às ruas"***, criminalizando os operários, acusando-os de estarem seguindo subversivos e de que ***"estão incontroláveis, violentos e promovendo quebra-quebra"***. O governador Francelino com a colaboração do pelego Pizarro, acusa os companheiros metalúrgicos do grupo Marreta, (***inclusive nominalmente***) de serem os líderes do movimento. As manchetes de revistas e jornais estampam ***"A revolta dos pedreiros"***, ***"A revolta dos peões"*** e etc.

Operários da construção civil de Belo H

Nesse mesmo dia (***terça-feira 31/07***) às 18h, o pelego-mor Luiz Inácio da Silva (Lula), moldado nos institutos de formação para colaboração de classes manejados pelo IADESIL [Instituto ianque (EUA) de formação sindical patronal e anticomunista], desembarcou em Belo Horizonte convidado pelos sindicalistas pelegos de Minas, Dídimo de Paiva – dos jornalistas, Arlindo dos bancários, João Paulo Pires dos metalúrgicos de João Monlevade e Wagner

da Construção de Belo Horizonte!

Horizonte em assembleia da greve de 1979

Benevides dos petroleiros, e acompanhado de outros quatro sindicalistas paulistas: Henos Amorina (Metalúrgico de Osasco); Nelson Cardisi (Metalúrgico de São Paulo); Jacob Bittar (Petroleiros de Campinas) e Hugo Peres (Trabalhadores Urbanos de São Paulo). **Sua missão: acabar com a greve.** Lula foi chamado pelo presidente do Sindicato dos Petroleiros de Minas Gerais Wagner Benevides, para juntos tentarem ***"controlar a massa enfurecida"***, o que foi amplamente noticiada pelos monopólios de imprensa. Jornais diziam: ***"Lula chega à Belo Horizonte para colocar ordem"***, a revista veja diz ***"Em Minas a estreia do CG-Lula"*** e vai além, relata na matéria que um membro do Estado-maior de Lula disse: ***"Estamos aqui para evitar um massacre".***

Esses traidores da classe, longe de defenderem as reivindicações dos operários da construção civil, buscaram angariar apoiadores para o projeto de criação do ***"Partido dos Trabalhadores"***, que se concretizou em fevereiro de 1980 e com isso, demonstrar aos patrões e ao regime militar sua posição conciliadora.

Mesmo com toda essa interferência dos oportunistas, os operários tinham clareza de suas reivindicações e com o apoio do Grupo Marreta, dos companheiros metalúrgicos da Mannesman, professores e rodoviários, puderam fazer valer as suas reivindicações. Os trabalhadores da construção civil fizeram o Tribunal Regional do Trabalho a reconhecer a legalidade da greve, que com isso, impôs ao Sindicato dos trabalhadores e aos patrões a aceitarem a sua decisão. Foi uma grande demonstração de força e vitória da luta da categoria!.

A greve durou cinco dias de 30/07 a 03/08. Todas as obras paralisadas. A luta dos operários fez ecoar pelas ruas da cidade as palavras de ordem: **"QUEREMOS SALÁRIO PARA ACABAR COM A FOME", "INTERVENÇÃO DA POLÍCIA MATA TRABALHADOR",** palavras de ordem como **"NÓS CONSTROI, NÓS DISTROI!" e "ABAIXO A DITADURA!" e "SE O SALÁRIO NÃO SUBIR NINGUÉM VAI CONSTRUIR!".**

As imagens da época mostram os grevistas marchando firmes pelas ruas da capital mineira, sorrindo, acenando, gesticulando: era o sentimento de poder em suas mãos, a certeza de que os trabalhadores organizados e unidos podiam conquistar o que quisessem.

O interventor no sindicato Francisco Pizarro, em conluio com os patrões, o governador Francelino e o TRT **e os sindicalistas colaboradores de classe**, realizou uma assembleia extraordinária no quinto dia da greve e executou manobras para pôr fim à greve. Do meio das massas revoltadas, uma pedrada certeira atingiu a testa do pelego. Houve muito corre-corre, os operários se recusaram a aceitarem o fim da greve, mas o movimento se ***"dissolve"*** e no dia seguinte a categoria começa a voltar ao trabalho. Mas volta diferente, com uma revolta pulsante e um orgulho que não cabia dentro de si, por ter lutado durante cinco dias gloriosos, parado a cidade, enfrentado o aparato repressivo do velho Estado, fazendo tremer os esbirros do regime milita-fascista os patrões, **desmascarado os pelegos e fortalecido a luta classista e combativa de operários nas obras, que passariam a dirigir as lutas a partir dessa histórica batalha de dentro dos canteiros de obras.**

As grandes greves de BH e Região desse período são criminosamente omitidas, negadas pelos pelegos que enaltecem as greves do ABC paulista e Lula verdadeiro bombeiro e vende-greve. Isso se dá porque nesse momento **dois caminhos distintos foram profundamente demarcados na luta sindical e operária em nosso país.**

Essas batalhas forjaram a direção classista que, em meio a lutas, fracassos e vitórias, construiu a linha classista e combativa que veio criar a Liga Operária, o MARRETA e outras organizações classistas, democráticas e revolucionárias em Belo Horizonte e em todo o país, no campo e cidade.

Nas grandes lutas do ABC paulista, maior centro industrial do país, as massas deram grandes demonstrações de combatividade e decisão. Assim como os operários de Belo Horizonte, porém a massa foi traída pelo oportunismo eleitoreiro. **Na greve dos operários da construção, a figura sinistra de Lula já exercia seu papel nefasto de camisa-de-força para conter a revolta das massas, para frear o ímpeto combativo dos operários, sabotar as greves e o crescente protesto popular.** A traição da linha oportunista que se consolidou e cristalizou-se no PT e na CUT principalmente, ao longo de décadas migrou do discurso radical à adulação dos patrões e banqueiros, que cooptou as centrais sindicais e pavimentou o caminho para a imposição da ***"reforma trabalhista"*** e outras medidas antioperárias, antipovo e vende-pátria que têm sido aplicadas pelos sucessivos governos de turno.

O MARRETA e a Liga Operária seguem lutando para defender e aplicar os princípios da luta classista e combativa, combatendo a patronal e o oportunismo no movimento sindical e no seio do próprio sindicato, expulsando os que se deixam corromper pelos patrões e oportunismo eleitoreiro, sem nunca abandonar as massas, nas vitórias ou nas derrotas.

Seguindo dessa forma, mirando o exemplo da Grande Greve dos operários da construção de BH e honrando seu legado, cumprindo nossas tarefas de mobilizar, politizar e organizar a classe.

Viva a luta classista e combativa!

1979 - Em Ouro Branco operários permaneceram de greve até a vitória

A greve dos operários da construção civil de Belo Horizonte de 1979, correu como rastilho de pólvora e em várias cidades do interior a revolta operária tomou as ruas em defesa de melhores condições de trabalho e de salário. Em Ouro Branco os mais de 14 mil operários que estavam construindo a Açominas, pararam as principais empresas de construção como Alcindo Vieira Convap, Odebrecht, M.Roscoe, Camargo Correia e Mascarenhas Barbosa Roscoe, contra as péssimas condições de trabalho e salário.

A greve foi organizada pelos operários, em comando de greve nas empresas, com piquetes fecharam a estrada que ligava Ouro Branco, Congonhas, Lafaiete e BH, com caminhões de cascalho, que serviria de trincheira e caso a polícia atacasse as pedras seria de grande ajuda. Essa determinação dos trabalhadores faz a polícia ficar distante só observando.

A unidade dos trabalhadores colocaram abaixo a diferenciação na cantina da obra que funcionava da seguinte forma: a Cantina "A" que atendia a administração e os engenheiros; a Cantina "B" atendia os mestres-de-obras e encarregados; e a Cantina "C" atendia os oficiais e os serventes.

Os operários em greve invadiram a cantina "A" dos engenheiros e administrativos, exigiram respeito e o fim da diferenciação. Também exigiram o afastamento do pessoal da segurança, que eram formados por milicos da reserva e perseguiam os trabalhadores. Os seguranças maltratavam os operários alojados e principalmente alguns que chegarem bêbados em dias de folgas, agiam como capitães-do-mato tratando os operários como escravos em cativeiros.

O velho Estado enviou como mediador o presidente da Federação Zé Pedro, para realizar uma assembleia com os operários, como um bom pelego, Zé Pedro chegou tentando por fim à greve, alegando que em BH a greve já havia acabado e pediu para que os trabalhadores de Ouro Branco fizessem o mesmo, sem apresentar nem uma proposta. Os grevistas se enfureceram e expulsaram-no gritando: "A greve continua!". Por mais duas semanas, o comando de greve se revezava em cada empresa, dando um tratamento de choque e sem aceitar fura-greve. As empresas se reuniram com o comando de greve e acataram as reinvindicações dos trabalhadores. Assim a greve chegou ao fim: As empresas aceitaram acabar com a diferenciação na cantina, dispensar o pessoal da segurança que maltratava os trabalhadores, pagar o mesmo índice de Belo Horizonte e ceder uma estabilidade de 90 dias aos operários.

Zé Pedro da Feticom-MG falando aos operários de Ouro Branco (1979)

Durante todo o período da greve os operários mostraram a sua moral proletária e disposição, exercendo o seu poder, a região de Ouro Branco, Congonhas e Lafaiete, ficaram nas mãos dos trabalhadores por quase 15 dias e essa greve também teve um papel muito importante em nossa história, onde inclusive saiu membros para o nosso grupo Marreta, que seguem até hoje na luta pelo classísmo.

Seguir esse grande exemplo de luta e deflagrar a Greve Geral

São levantes iguais aos de 1979 que forjam a consciência do operário e mostram na prática que ele é capaz de derrubar essa velha e podre sociedade, que explora e oprime o nosso povo. O Marreta e a Liga Operária, que são frutos dos históricos levantes de 1979, têm percorrido por esses 40 anos de lutas classistas e combativas, com vitórias e derrotas, sem trair os direitos dos trabalhadores e do povo.

Ao celebrarmos os 30 anos da retomada do nosso sindicato, conclamamos as demais categorias, para formar várias plenárias sindicais em defesa da Greve Geral de Resistência Nacional. Vários movimentos foram feitos e as massas mostraram em seu ensaio para a Greve Geral, do dia 14 de junho, que estão a fim de irem à luta de forma decidida e radicalizada em defesa dos direitos históricos, conquistados com muita luta e suor da classe.

As condições já estão dadas, os nossos inimigos de classe, mesmo em contradição entre si, se unem contra o povo e nos atacam de todas as formas. Com o apoio dos monopólios de imprensa, busca iludir e enganar o povo e com isso impor a política nefasta do imperialismo, principalmente ianque, de cortes de direitos e entrega de nossas riquezas e soberania, destruindo o ensino público, o serviço de saúde, o saneamento básico, o mercado de emprego e etc.

Somente a classe operária unida com os camponeses, é que poderá fazer nascer o novo amanhã e construir tijolo por tijolo uma nova e verdadeira democracia que atenderá as reivindicações elementares do nosso povo: **direito ao emprego; melhor condição de vida, e de trabalho; terra para nela viver e trabalhar; desenvolvimento de nossas indústrias; e romper com a subjugação nacional. Por isso, a nossa bandeira é pela Greve Geral de Resistência Nacional!**